



A PRÁTICA DOCENTE NO PROCESSO DE TEXTUALIZAÇÃO NA HIPERMODERNIDADE

¹José Gabriel Farias De Brito

RESUMO

A definição da prática docente como objeto de estudo, no marco dessa abordagem, tem suas raízes em uma jornada profissional continuada. Por isso, estudos posteriores enriquecem a observação e a reflexão sobre a prática em sala de aula, seja ela presencial ou virtual, sobretudo no cenário hipermoderno de ensino. Portanto, o intuito desse trabalho é discutir e visualizar como a construção de determinados gêneros textuais podem ser utilizados nas aulas de língua portuguesa no contexto da hipermodernidade. Para isso, temos como base, estudos que estão ancorados nas perspectivas dos autores: Lipovetsky (2004), Marcuschi (2008), Rojo (2012); Rojo e Barbosa (2015), BNCC (2017) e outros, vislumbrando um debate acerca do processo de textualização na hipermodernidade e o fazer saber no contexto escolar.

Palavras-chave: Prática Docente, Textualização. Hipermodernidade.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial de Saúde (ONU), em 11 de março de 2020, caracterizou o vírus COVID-19 como uma pandemia. A designação reconhece que, no momento datado, existiam surtos de COVID-19 em vários países e regiões do mundo. A partir desse momento, todos os continentes ficaram em alerta e começaram a adotar medidas e procedimentos de saúde pública para blindar o vírus dos seus respectivos países, com isso, restrições como aglomerações foram imediatamente impostas. Um cenário caótico estendeu-se por todas as áreas, inclusive nas instituições educacionais.

A priori, é pertinente salientar que uma decisão política em um país polarizado é motivo de inúmeras divergências, por isso, o debate sobre a situação da educação no país estendeu-se por muito tempo, e suas consequências ainda são tidas como inconclusas. Após a paralisação

¹ Graduando do curso de Letras-Português pela Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). E-mail: jose.farias@aluno.uepb.edu.br

das aulas presenciais, em março de 2022, uma constante busca por adaptação on-line iniciou-se por parte dos docentes, tendo em vista, que outrora uma massiva parcela dos profissionais da educação não foi formada para lecionar nesse cenário extremamente tecnológico. Com isso, na medida em que as discussões foram adentrando o espaço acadêmico e escolar, o papel da formação tecnológica do professor foi edificando-se e, diante disso, os discursos da hipermodernidade adentraram o solo educacional.

Em vista disso, vem se sedimentando, no campo dos estudos linguísticos e educacionais a compreensão de que a tecnologia penetrou a relação entre o usuário e a língua. Visto que, nos moldes atuais, a era tecnológica permite novos princípios, como explica Rojo (2015, p. 116) “Surgem novas formas de ser, de se comportar, de discursar, de se relacionar, de se informar, de aprender.” São novos tempos que demandam perspectivas hodiernas, são novos textos que demandam novos entendimentos e são novas linguagens que carecem de serem estudadas.

Neste trabalho, comungamos da concepção de Marcuschi (2008) ao afirmar que não há comunicação verbal se não por um gênero, da mesma forma que é impossível não estabelecer comunicação se não por textos-escrito ou oral. Ou seja, é inegável uma centralidade sociointerativa na produção linguística, já que os gêneros textuais são formas de realização linguística das situações comunicativas recorrentes. Assim, alinhando-se à perspectiva de Marcuschi, concebemos os gêneros textuais como fenômenos históricos intrínsecos à vida social. Ademais, é pertinente enxergar essa materialização textual sob a óptica de Miller (1994) que põe os gêneros textuais como um “artefato cultural” e, por essa visão, compreende-se que a comunicação acompanha a cultura e, certamente, a cultura ao evoluir abre espaço para novas formas de comunicação.

Logo, em um cenário pandêmico controlado, a imersão da tecnologia na prática docente é emergente, haja visto, o crescente contato entre o sujeito e as novas tecnologias. Com o retorno das aulas presenciais, percebeu-se uma necessidade de uni-las. Nesse sentido, esse artigo visa analisar como o processo de textualização tende a evoluir na hipermodernidade e como isso influencia a prática docente.

METODOLOGIA

Com o escopo de colher conclusões precisas e eficientes para esta pesquisa, aqui discute-se o processo metodológico percorrido para construir esse trabalho. Inicialmente, é extremamente relevante evidenciar que o trabalho científico bebe de uma atividade indispensável: a pesquisa (TARTUCE, 2006 apud GERHARDT; SILVEIRA, 2009). Destarte,

selecionamos um método que leve a responder a uma questão problemática que motivou a construção desse texto. Neste caso, utilizamos como ponto inicial a seguinte indagação: nos dias atuais, com o cenário pandêmico razoavelmente controlado, como os docentes de LP podem inserir em suas aulas de produções textuais os elementos presentes na hipermodernidade?

Após a formulação dessa questão, traçou-se um caminho para respondê-la. Entendemos que para concluir uma determinada consideração sobre o tema a ser exposto é preciso determinar o percurso a caminhar. Assim, inicia-se o processo de investigação que se sustenta em uma pesquisa bibliográfica e de natureza qualitativa, ancorada à luz das teorias aqui expostas na perspectiva dos autores: Lipovetsky (2004), Marcuschi (2008), Rojo (2012); Rojo e Barbosa (2015), BNCC (2017) e outros, vislumbrando um debate acerca do processo de textualização na hipermodernidade. Para tal, foram feitos levantamentos de dados, nas literaturas lidas, fichadas e analisadas com o propósito de apresentar as ideias e as informações pertinentes para o desenvolvimento da fundamentação teórico-metodológica que condizem com a temática aqui discutida.

Logo, trata-se de uma investigação construída por intermédio da abordagem qualitativa, um modelo que Gerhardt e Silveira (2009) afirma que não há preocupação com coleta de dados numéricos, porém é vital a compreensão de um sistema sócio-organizacional delimitado, neste caso, o contexto hipermoderno em que estão os estudantes da LP. Dessa maneira, o intuito é gerar conhecimento para novas investigações sem a necessariamente aplicação prática, já que o foco é contribuir para a ciência dos fatos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Ancorados na teoria da hipermodernidade de Lipovetsky (2014), para qual vai postular o conceito de hipermodernidade como a radicalização da modernidade, faremos uma ponte entre ela e as teorias discursivas. Inicialmente, Lipovetsky (2004, p. 25) vai afirmar que esse cenário hipermoderno “assinalou o declínio das grandes estruturas internacionais de sentido e a recuperação desta lógica da moda do consumo”. Por essa visão, o consumismo assume cada vez mais espaço na vida do sujeito, e nesse contexto, o consumo de informação por exemplo, é constante.

Sob esse viés, para melhor compreensão, Rojo (2015) afirma que as identidades contemporâneas são complexas. Portanto, esse recente funcionamento social faz parte da vivência dos usuários da língua, em especial, os que vivem sua juventude nessa época *hiper*.

Dessa forma, é possível enxergar que os discursos presentes nas redes sociais, refletem a extrema fluidez dos pensamentos e ideologias atuais e, a falta de coletividade, direciona o olhar da sociedade para o que Rojo (2015) chama de *autocentração*, ou seja, o hiperindividualismo.

Para tal ligação, entendemos que há novas formas de discursos presentes na internet, por isso, não é pertinente trabalhar os gêneros discursivos da mesma forma que eram vistos há décadas atrás ou até mesmo há anos atrás, já que não se entende o mundo como antes. Como já mencionado, na introdução dessa escrita, a imersão tecnológica dos professores - de certa forma obrigatória - durante o auge da pandemia, fez com que essa discussão fosse infinitamente mais urgente em razão de uma constatação fascinante: o atual contexto da Web permite que todos seus usuários tenham espaço de críticas sobre todos os assuntos.

É necessário discutir sobre a problematização que Marcuschi (2008) faz sobre o processo de textualização, que ao falar sobre texto, textualização e/ou produção textual transcendemos as ideias estruturalistas e gerativistas pregadas por Saussure e Chomsky, dado que, ao se referir aos gêneros é preciso levar em consideração tantos os aspectos estruturais internos como o funcionamento sob a propagação do discurso. Em síntese, Marcuschi (2008) diz:

Gênero textual refere os textos materializados em situações comunicativas recorrentes. Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.” (MARCUSCHI, 2008, p. 155).

Por essa óptica, Bakhtin (2013) nos conduz a enxergar, assim como Marcuschi, que os gêneros estão presentes em todas as manifestações humanas internamente relacionadas ao uso da língua e que se materializam por enunciados. Assim, com essa posição teórica, unimos os gêneros ao seu intrínseco envolvimento social. Ademais, é fato que a língua é o objeto principal das práticas humanas no contexto sócio-comunicativo-interacional, por isso, Bakhtin (2013) diz que qualquer interação do sujeito, seja ela em representação escrita ou falada, parte de uma língua.

Nesse sentido, os gêneros textuais, que são a materialização do discurso estruturado em uma língua, tomam rumos que se apropriam cada vez mais da intenção organizacional da sociedade, especialmente no tocante à pluralidade da cultura hipermoderna em favor da melhoria sociointerativa.

À vista disso, fica evidente que a escola assume um importante papel na construção social, já que os documentos parametrizadores conduzem os docentes ao trabalho com



diferentes gêneros textuais. Como é sabido, infelizmente uma parcela dos professores, especificamente os de LP, seguem uma conduta estruturalista e sistematizadora do conhecimento, deixando de lado os conhecimentos prévios dos alunos e, ao sistematizar o ensino, não estimulam a construção crítica. Dessa forma, as aulas não conseguem atingir diretamente a formação dos alunos em um contexto hipermoderno já que esse cenário requer dos discentes uma postura crítica, política e interativa.

Portanto, as aulas de LP precisam ser pensadas a partir do contexto em que o aluno vive e do que irá o guiar em termos de conhecimento de sua própria realidade e identidade. Como já dito, o Brasil é um país politicamente polarizado e isso é projetado nas milhares informações que circulam na internet por minuto e, sabendo disso, a escola tem um papel essencial na construção de um ser crítico que saiba identificar os diversos mecanismos presentes em um gênero textual na esfera digital. Por essa razão a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) por ser um importante instrumento de orientação do professor diz que:

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. As novas ferramentas de edição de textos, áudios, fotos, vídeos tornam acessíveis a qualquer uma produção e disponibilização de textos multissemióticos nas redes sociais e outros ambientes da Web. Não só é possível acessar conteúdos variados em diferentes mídias, como também produzir e publicar fotos, vídeos diversos, podcasts, infográficos, enciclopédias colaborativas, revistas e livros digitais etc. Depois de ler um livro de literatura ou assistir a um filme, pode-se postar comentários em redes sociais específicas, seguir diretores, autores, escritores, acompanhar de perto seu trabalho; podemos produzir playlists, vlogs, vídeos-minuto, escrever fanfics, produzir e-zines, nos tornar um booktuber, dentre outras muitas possibilidades. Em tese, a Web é democrática: todos podem acessá-la e alimentá-la continuamente. Mas se esse espaço é livre e bastante familiar para crianças, adolescentes e jovens de hoje, por que a escola teria que, de alguma forma, considerá-lo? (BRASIL, 2017, p. 66).

Em suma, o ensino de língua é responsável pelo desenvolvimento de muitas capacidades linguísticas que precisam ser ativadas nos estudantes, pois enquanto falantes e escritores dependem do uso da oralidade e escrita para conviver em sociedade e, principalmente, entender a sociedade. Para isso, esse trabalho se justifica em querer dar contribuições para o fazer pedagógico docente, ancorado nas teorias discursivas sob o carácter hipermoderno.

A PRÁTICA DOCENTE NA HIPERMODERNIDADE

É incontestável que durante a história da humanidade a linguagem oral e escrita passou por diversas transformações, na atualidade, a linguagem assume outros moldes. Em meio a isso, destaca-se, nessas novas formas discursivas, a importância do olhar reflexivo do educador sobre

os novos perfis de leitores e suas posturas diante dos novos textos, bem como as habilidades quanto produtores de informações.

Diante disso, por essa perspectiva, é preciso pensar em um ensino que abarque os novos pensamentos e comportamentos que surgiram na contemporaneidade, especificamente, no que Lipovetsky (2004) caracteriza como hipermodernidade. Assim, de acordo com Lipovetsky (2004) os sujeitos que vivem na hipermodernidade não inclinam-se a uma única proposta política, uma vez que na hipermodernidade não existe um projeto político consistente que agrade todos os anseios e isso faz com que os sujeitos tenham diversos pensamentos sobre uma variedade de temas que circulam na sociedade, por exemplo, ao mesmo tempo que um aluno pode tomar uma posição conservadora sobre o aborto ele pode conjuntamente apoiar o casamento homossexual.

Com isso, é fato que o docente tem que ficar atento ao que acontece no mundo, já que essas questões certamente aparecem em sala de aula. Assim, o professor tende a sair do posto de detentor de conhecimento e se colocar como mediador, desse modo, a sala passa a ser um local de construção de saber e espaço crítico que perdura o pensamento questionador e não de ideias reproduzidas.

Logo, ao ampliar o olhar para esse contexto é perceptível que o ambiente digital foi projetado para interligar todos a tudo. Por isso, o sujeito está a todo instante contemplando vários formatos de discursos e, conseqüentemente, senão bem preparados tornam-se vítimas desses discursos manipuladores, tóxicos, racistas, homofóbicos e problemáticos. Nesse sentido, quando não se discute essas questões na sala de aula, a tendência é um imenso impacto negativo na construção social do indivíduo. Por isso, a produção textual na hipermodernidade é um processo em que o aprendiz se apropria de sua linguagem e dos assuntos que o circulam para projetar sua visão, e nesse meio, todos são leitores e produtores ao mesmo tempo. Rojo (2015) explica isso ao dizer:

Ampliando olhar para o contexto em que se tramam essas identidades contemporâneas - sustentadas por novas (e frágeis) formas de identificações-, pode-se notar como a TDICs, de maneira como foram arquitetadas, configuradas e disseminadas, potencializam esse processo. A web 2.0 mudar o fluxo de comunicação e, em tese, acaba com a cisão produtores/leitores, possibilitando que todos publiquem na rede e exerçam simultaneamente os dois papéis originando o que Rojo (2013) denomina *lautor*. (ROJO e BARBOSA, 2015, pg. 119)

Desse modo, na hipermodernidade não há mais espaço para o professor continuar perpetuando, nas suas aulas, práticas de produção já gastas. É muito comum que exista ainda nos dias atuais aulas de gêneros textuais com o único objetivo de mostrar a estrutura de

determinado gênero e de produzir textos engessados. Apenas a nível de exemplificação, o *gênero notícia* sempre foi muito recorrente nas aulas, e de fato é um gênero extremamente importante para desenvolver diversas habilidades, todavia, as aulas sobre esse gênero limitam-se a apresentação da estrutura, que na maioria das vezes são apresentadas por meio de jornais impressos, e produção de notícias ficcionais ou rasas. Na atual conjuntura, as notícias ganham formatos mais livres e com a presença de vários mecanismos aptos a serem analisados, como: o discurso empregado, a origem da empresa, os elementos multissemióticos, a confiabilidade, o léxico, enfim, são muitos os aspectos que podem ser vistos e debatidos entre os alunos e professores. No tocante a isso, Marcuschi (2008) afirma que ao dominar o gênero dominamos a forma de realizar o discurso e não de reproduzir apenas uma estrutura:

Quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares. [...] o que permite dizer que os gêneros textuais operam, em certos contextos, como formas de legitimação discursivas, já que se situam numa relação sócio-histórica como fontes de produção que lhes dão sustentação além da justificativa individual. (MARCUSCHI, 2008, p. 154).

Para tanto, nessa perspectiva, com o advento das redes sociais é oportuno pensar um ensino baseado nas novas demandas hipermodernas. Rojo (2012) infere sobre o trabalho como os novos gêneros digitais e, em termos de funcionamento, estas são ferramentas essenciais para o aprendizado e desenvolvimento de habilidades críticas, interpretativistas, criativas, entre outras. Além disso, esses novos textos permitem uma interação maior entre os sujeitos e uma liberdade de informação. Por isso a autora ressalta que:

Uma das principais características dos novos (hiper)textos e (multi)letramentos é que eles são interativos, em vários níveis (na interface, das ferramentas, nos espaços em rede dos hipertextos e das ferramentas, nas redes sociais etc.18). Diferentemente das mídias anteriores (impressas e analógicas como a fotográfica, o cinema, o rádio e a TV pré-digitais), a mídia digital, por sua própria natureza “tradutora” de outras linguagens para a linguagem dos dígitos binários e por sua concepção fundante em rede (web), permite que o usuário (ou o leitor/produtor de textos humano) interaja em vários níveis e com vários interlocutores (interface, ferramentas, outros usuários, textos/discursos etc.). Se as mídias anteriores eram destinadas à distribuição controlada da informação/comunicação – aliás, a imprensa se desenvolveu em grande parte com esse fim –, a ponto de se falar, no caso das mídias, que elas foram destinadas às massas (rádio, TV) em vez de às elites (imprensa, cinema) na constituição de uma “indústria cultural” típica da modernidade, centralizada pelos interesses do capital e das classes dominantes e que colocava o receptor no lugar de consumidor dos produtos culturais, a mídia digital e a digitalização (multi)mídia que a mesma veio a provocar mudou muito o panorama (ROJO, 2012, p. 23).

Em síntese, fica evidente que os professores - até aqueles que não estão habituados com o mundo hipermoderno- precisam se preocupar em como inserir os novos elementos presentes



nos gêneros em suas aulas. A BNCC, esclarece que o trabalho com os recursos tecnológicos envolve um ensino pautado na construção coletiva de condutas críticas, responsáveis e éticas em sintonia com as múltiplas faces digitais:

Cultura digital: envolve aprendizagens voltadas a uma participação mais consciente e democrática por meio das tecnologias digitais, o que supõe a compreensão dos impactos da revolução digital e dos avanços do mundo digital na sociedade contemporânea, a construção de uma atitude crítica, ética e responsável em relação à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais, aos usos possíveis das diferentes tecnologias e aos conteúdos por elas veiculados, e, também, à fluência no uso da tecnologia digital para expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica. (BRASIL, 2018, p. 445).

Vale ressaltar ainda, que só o uso de aparelhos tecnológico não garante que os elementos da hipermodernidade estejam presentes na aula, já que o ensino que a BNCC enfatiza não é apenas do manuseio dos aparelhos tecnológicos, mas o que será construído com essa utilização e o que pode ser analisado e discutido. Por essa razão, alguns professores ainda têm dificuldade de trabalhar questões presentes na *esfera hiper*, por exemplo, as *fakes News* são um tema em constante debate e estão presentes por toda a internet, então, tornam-se pertinentes para os debates nas escolas. Entretanto, raramente os professores conduzem os alunos para um trabalho mais eficaz com esse tema, pois costumeiramente é apenas problematizado o tema e nada além. Contudo, essa problemática é muito valiosa para: debater questões políticas – não partidárias-, entender a construção lexical dessas notícias, promover momento de investigação utilizando sites e aplicativos que conferem veracidade das informações, elaborar pesquisas para entender o que a comunidade escolar sabe sobre o assunto, promover mesas redondas, produzir podcasts, fazer campanhas nas redes sociais, isto é, existem muitas maneiras de abordar as várias questões da hipermodernidade.

Por fim, fica claro que a tecnologia está muito próxima da realidade dos jovens contemporâneos e, por esse fato, o dinamismo da linguagem em suas múltiplas realizações têm adentrado o contexto escolar. Nessa lógica, o professor, em especial o de LP, tem o importante papel de ministrar aulas que promovam o entendimento responsável do que acontece no mundo hipermoderno.

O PROCESSO DE TEXTUALIZAÇÃO NA HIPERMODERNIDADE

No tópico anterior discutiu-se os conceitos que dão visibilidade às formas de trabalhar com os elementos da hipermodernidade na sala de aula, em específico no que diz respeito aos gêneros textuais, tomando como base as contribuições de autores quanto aos critérios da

textualidade. Agora, a proposta é apresentar ideias em virtude de quais objetivos se escrevem textos e como se dá o processo de produção textual na hipermodernidade.

De início, baseando-se na visão Koch e Elias (2012), entendemos que o texto é requisito importante em função da comunicação e da sistematização das atividades do indivíduo em sociedade. Os atos de escrever, ler, interpretar e dialogar estão presentes em todas as esferas humanas e ambas as ações, em consonância, devem ser desenvolvidas na escola.

A face do exposto, evidencia-se que a escrita é um processo natural de adaptação das atividades humanas. É por meio do texto que a interação ocorre, já que esta comunicação é promovida pelos diversos gêneros textuais. Diante disso, a escola é um importante instrumento de incentivo e é fundamental para ampliar a visão de mundo dos sujeitos, já que a produção textual é mais que uma necessidade pois faz parte do dia a dia.

Posto isso, Rojo (2015) compreende que os gêneros são atividades frequentemente realizadas por todos os seres comunicativos e, portanto, é preciso se sair bem em alguns momentos, dos quais se destacam: enviar uma mensagem instantânea, um e-mail, elaborar um currículo, participar de uma entrevista de emprego, posiciona-se criticamente, escrever uma lista de compras, escrever cartas de reclamação, dialogar em aplicativos, escrever textos para publicar em redes sociais, entre outros.

Ademais, é relevante ressaltar que a discussão sobre os gêneros textuais já faz parte do contexto escolar. Parte desse mérito se dá a Base Nacional Comum Curricular, que dispõe de inúmeras habilidades a serem desenvolvidas com a presença dos gêneros textuais, sobre isso o documento afirma:

Como já ressaltado, na perspectiva da BNCC, as habilidades não são desenvolvidas de forma genérica e descontextualizada, mas por meio da leitura de textos pertencentes a gêneros que circulam nos diversos campos de atividade humana. Daí que, em cada campo que será apresentado adiante, serão destacadas as habilidades de leitura, oralidade e escrita, de forma contextualizada pelas práticas, gêneros e diferentes objetos do conhecimento em questão. (BRASIL, 2017, p. 45).

Diante dessa lógica, o ensino escolar se tornou o instrumento de capacitação dos seres humanos que precisam desenvolver suas atividades diárias. Por isso, é importante pensar em aulas que contemplem os conhecimentos prévios e que os prepare para lidar com os fenômenos da hipermodernidade. É possível ser desse mundo – hipermoderno- e não saber lidar com esse mundo.

Tendo como base as teorias discutidas acima, o intuito desse tópico é propor algumas ideias acerca do trabalho com os textos hipermodernos. Por essa lógica, tomando como premissa que a maioria dos alunos tenham acesso à tecnologia, temos como proposta de atividades didáticas o trabalho com os seguintes gêneros: *Comentário crítico* e *Podcast*.



No cenário hipermoderno, o indivíduo se depara a todo instante com inúmeras informações e vastos posicionamentos, além disso, Lipovetsky (2004) enfatiza que a hipermodernidade acabou com os grandes projetos políticos e por isso o sujeito está sempre sob um terreno de disputa. Por esse motivo, a escola deve preparar o aluno para se posicionar diante de situações que exigem posicionamento, como as redes sociais.

Rojo (2015) afirma que a forma em que o mundo digital foi arquitetado faz com que o internauta entre em um círculo de conteúdo viciante e dessa forma é inevitável que os conflitos de ideias aconteçam. A informação está muito mais próxima do consumidor que antes, já que os portais de notícias independentes produzem notícias com menos informalidade e mais rapidez. Dessa maneira, o professor de LP pode montar uma sequência didática envolvendo o gênero *comentário crítico*.

A contento, antes de mais nada é necessário salientar sobre a importância de se posicionar e em que momentos fazer isso. Logo após, é pertinente dar vez aos conhecimentos prévios dos estudantes, conhecimentos estes adquiridos das suas vivências fora da escola, e buscar entender quais são os conteúdos consumidos por eles. Feito isso, o docente pode examinar os comentários feitos por outros internautas e analisar os aspectos presentes, a saber: a presença de uma ideologia, se é um discurso de ódio, se o comentário feito está fundamentado, entre outros.

Passado esse processo de investigação e debate, é o momento de selecionar um post - ou mais - e fazer a análise temática, tentar entender todas as questões presentes na publicação desde a imagem ou vídeo à legenda. E, mais adiante, propor que os alunos produzam comentários críticos fundamentados. Posteriormente, é o momento de produzir um podcast sobre o tema, e aqui os alunos vão utilizar de aparelhos tecnológicos para fazer as edições. Vale frisar que ambos os gêneros são importantes para a construção do senso crítico e ao uni-los o professor monta uma aula super *hiper*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o pensamento benvenistiano, o ser humano não se desassocia da linguagem oral e/ou escrita, visto que, por fazer parte da sua natureza, “é na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 2005, p. 286). A assunção de tal pensamento no contexto educacional, a partir da possibilidade de que o aluno construa uma representação do que sejam as suas habilidades e competências sociais nesse cenário hipermoderno, só se efetivará “[...] se as atividades escolares lhe oferecerem uma rica convivência com a diversidade de textos que caracterizam as práticas sociais” (PCN, p.16).



Portanto, as discussões aqui plantadas evidenciam que os seres de linguagem de hoje necessitam de desenvolver habilidades fundamentais para o convívio no mundo *hiper*. Em relação a nossa indagação acima, percebemos que ainda há uma carência dos docentes em pôr em suas aulas os elementos da nova era. Entendemos também que não é algo extraordinário, mas que faz total diferença na construção crítico-afetiva do aluno.

Concluimos, pois, deixando claro que as atribuições do processo de produção textual na hipermodernidade têm um valor indispensável para as vivências atuais em sociedade. Grande parte das atividades sociais desenvolvidas pelo homem exige conhecimento e domínio da escrita que circula no tempo presente da vida do sujeito. Em suma, escrever e interpretar o mundo que vive é fazer pertencente a ele.

REFERÊNCIAS

BENVENISTE, Émile. Problemas de linguística geral I. São Paulo: Pontes, 2005.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular(BNCC). 3ª versão revista. Brasília, MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/> Acesso em: 14 de junho de 2022.

BRASIL. Parâmetros Curriculares Nacionais(PCN). Língua Portu-guesa. Ensino Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998

BAKHTIN, M. M. Os gêneros do discurso. In: Estética da criação verbal. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

GIL, Antônio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Produção textual: análise de gêneros e compreensão. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. F. Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013.

ROJO, R. H. R. Diversidade cultural e linguagens na escola. In: _____; Eduardo Moura (Org.). Multiletramentos na escola. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

_____; ROJO, J. B. Hipermodernidade, multiletramentos e gêneros discursivos. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.